



CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DOS TEMBETÁS NO RIO GRANDE DO SUL,
NA DÉCADA DE 1920

*CONTEXTUALISATION OF THE STUDIES ON TEMBETÁS IN RIO GRANDE DO SUL DURING THE
DECADE OF 1920s*

Alice Marc¹

1 Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - alice.marc@terra.com.br

Resumo:

Os tembetás são o tema deste estudo bibliográfico. O objetivo é contextualizar os artigos “Artefactos Indígenas” e “Tembetás”, de Francisco Rodolfo Simch, Engenheiro de Minas e Bacharel em Direito, portanto leigo em Arqueologia, sobre os tembetás, publicados em 1923 e 1924, respectivamente, na Revista do IHGRGS. Para isso, traz a contextualização de Chamorro (2008) do uso dos tembetás, o conceito e as características de tembetá de Prous (2003), e as descrições dos tembetás de Schmitz (2006). Conclui-se que há variedade de materiais e formas de tembetás, mas permanece em comum a utilização em ritual de iniciação masculina. Com base em Fernandes (2015) e Bechis (2010), o artigo conclui que a antropologia indígena na década de 1920 era marcada pelo eurocentrismo e pelo conceito de aculturação, renovando-se a partir da década de 1930, portanto no final da vida de Francisco Rodolfo Simch (1877-1937) e muito tempo depois das suas publicações.

Palavras-chave: Tembetás. Francisco Rodolfo Simch. Arqueologia.

Abstract:

Tembetás are the subject of this bibliographic study. The aim is to contextualize Francisco Rodolfo Simch's articles “Artefactos Indígenas” and “Tembetás”, which were published in 1923 and 1924 respectively in IHGRGS's magazine. Simch (1877-1937) was not an Archeologist, but a Mining Engineer and a Bachelor of Laws. This article brings Chamorro's contextualisation for the use of tembetás (2008), the concept and characteristics of tembetás by Prous (2003), and the description of tembetás by Schmitz (2006). The conclusion is that i) there is a variety of materials and forms of tembetás, but they all have in common the use in a ritual of masculine initiation and ii) based on Fernandes (2015) and Bechis (2010), indigenous anthropology during the 1920s was marked by eurocentrism and the concept of acculturation, being reviewed only during the following decade, by the end of Simch's life and a long time after his publications.

Keywords: Tembetás. Francisco Rodolfo Simch. Archeology.

Introdução

Este estudo bibliográfico procura explicar o conceito do artefato indígena “tembetá”, buscando a historiografia sobre o assunto para contextualizá-lo, principalmente, no Rio Grande do Sul, quanto às circunstâncias de utilização e por que populações indígenas.

A partir deste embasamento teórico sobre o assunto, o objetivo do artigo é contextualizar as informações publicadas nos artigos “Artefactos Indígenas” e “Tembetás”, de autoria de Francisco Rodolfo Simch. Trata-se de duas comunicações proferidas em 1923 e em 1924, respectivamente, na sede do Instituto Histórico e Geográfico, IHGRGS, que foram, posteriormente, publicadas sob forma de artigo na revista da referida instituição.

Para compreender o contexto destas publicações, o presente artigo discute o estado dos estudos antropológicos daquele período da década de 1920, de forma a compreender

a peculiaridade dos estudos de Simch, com relação à historiografia atual sobre os tembetás.

Quanto à trajetória de Francisco Rodolfo Simch, este era formado em Direito pela Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, e em Engenharia de Minas pela Escola de Minas de Ouro Preto, em Minas Gerais. Era, portanto, uma pessoa com interesses variados e amplo campo de atuação. Atuou, assim, em diversas instituições do governo do Rio Grande do Sul, como Diretor do Serviço de Mineralogia e Geologia, Diretor do Museu Júlio de Castilhos e Secretário de Obras Públicas do estado, por exemplo.

Por meio destas atividades de trabalho, Simch teve contato com a terra, através da mineração, e com achados arqueológicos, por ele encontrados ou a ele trazidos para serem agregados à coleção do museu que dirigia. Este contato de Francisco Rodolfo Simch com a arqueologia e com a antropologia, em razão de seu trabalho, despertou seu interesse científico e cultural para estas áreas, embora tivesse plena consciência de que não fosse especialista nestes assuntos, como sempre observou.

O referido artigo ilustra o desejo de Simch de dialogar com a comunidade científica, para socializar o conhecimento sobre o estado e compreender a formação do Rio grande do Sul, de acordo com o espírito científico de sua época.

Os tembetás

De acordo com a historiografia atual, os tembetás podem apresentar características diversas. Ainda assim, o contexto de utilização dos tembetás e o tipo de indivíduo que os utilizam permanecem um traço em comum para as populações indígenas, como se evidencia a seguir.

Isto posto, apresenta-se uma primeira definição de tembetá:

tembetá: adorno exclusivamente masculino, inserido no lábio inferior por um orifício praticado no momento da cerimonia de iniciação dos jovens; pode ser pedra, osso, madeira, resina ou pena; no tembetá em forma de disco (botoque) usado por vários grupos indígenas do Brasil central está a origem do nome “botocudo” dado a estes índios pelos portugueses. (PROUS, 2003, p.105)

Observa-se, pois, nesta definição, que a natureza do objeto e o contexto em que se utiliza o tembetá são bastante precisos: trata-se de um enfeite que é inserido somente em indivíduos do sexo masculino, na situação específica da cerimônia de iniciação.

No entanto, salienta-se a variedade de materiais e de formatos que pode ser empregado na confecção dos tembetás, conforme a cultura de cada grupo indígena, resultando em particularidades nas características do adorno.

Na definição acima, o autor refere a associação do termo “botocado” com o tembetá em forma de disco, em particular. Isto constitui um exemplo de como a especificidade do formato dos tembetás de um grupo indígena foi utilizado como critério de designação. Assim, “Botocado, outra designação dos Xokleng, foi termo decorrente da utilização de enfeite labial – tembetá – por parte dos membros adultos do sexo masculino” (SANTOS, 1973, p. 30 e 31 In: FERMINO, 2013, p.2).

Sendo assim, há registros dos tembetás dentro da tradição Taquara e da fase Guatambu, que “é a mais antiga, cobrindo as datas de C¹⁴ do século II ao XII de nossa era” (SCHMITZ, 2006, p.70). Com relação aos termos “tradição Taquara” e “fase Guatambu”, Schmitz (2006) esclarece:

Tradições são conjuntos maiores de materiais com características semelhantes, reunindo em geral diversas fases e que mantém as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um tempo (e espaço) mais amplos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma nação indígena. O nome da primeira fase determinada para um certo material costuma dar o nome à tradição. Assim o nome fase Taquara (...) também passou a denominar o conjunto de fases de material semelhante, isto é, a tradição Taquara. Quando um mesmo material, por qualquer razão recebeu vários nomes, um deles prevalece e os demais passam a ser sinónímia. Dentro da tradição Taquara foram descritas as seguintes fases: Taquara (sinónímia: cerâmica Osório e fase Caxias), fase Guatambu (sinónímia: fase Vacaria), fase Caí (talvez sinónímia de fase Taquara), fase Erveiras, fase Xaxim (existe principalmente em Santa Catarina), fase Guabiju, fase Taquaruçu e fase Giruá (talvez sinónímia da anterior). É possível que, com o avanço dos estudos mais alguma destas fases passe a ser considerada sinónímia por se referir a material que anteriormente já recebeu outro nome. (SCHMITZ, 2006, p.69-70)

Retomando a questão da abrangência do uso de tembetás pelas populações indígenas, e, passando-se a refletir mais particularmente no caso do Rio Grande do Sul, Schmitz (2006) menciona que, no século XVIII, havia famílias dos Minuano à margem da Lagoa Mirim, e, no século XIX, havia “647 Charrua reunidos sobre a margem oriental do Rio Uruguai ou das duas aldeias próximas do Rio Quaraí” (SCHMITZ, 2006, p.140). Sobre a utilização do tembetá, colocadas à parte as peculiaridades de material e de formato, reafirmam-se os aspectos em comum para os grupos indígenas, conforme mencionados anteriormente, que são o contexto da etapa de iniciação do indivíduo e também a utilização pelo indivíduo de sexo masculino:

Nessa organização social dos Charrua e Minuano transparecem claramente as diferenças entre os sexos. Entre os primeiros elas começavam com o nascimento e chegavam até a morte. Logo após o parto, ou passados alguns dias, o menino charrua recebia a insígnia viril - o barbote - ou tembetá introduzido por sua mãe no lábio inferior. De uso diário, o tembetá era somente retirado para ser substituído por outro maior de acordo com o próprio crescimento. (SCHMITZ, 2006, p.140)

Considerando-se, ainda, os achados arqueológicos dos indígenas tupi e guarani no Rio

Grande do Sul, tem-se a seguinte localização geográfica, com relação ao restante do país e da América do Sul:

Os vestígios dos povos Tupiguarani encontram-se desde as Missões e o rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia (PROUS, 2003, p.74).

Ainda hoje, os tembetás são mencionados como adorno labial, para os Guarani. Também se repete a circunstância da etapa de iniciação masculina, porque o “*Kunumi pepy* é o ritual de iniciação de meninos na idade de 10 a 13 anos. O acontecimento central da cerimônia é a perfuração do lábio inferior do iniciante e a colocação do enfeite labial ou *tembeta*.” (CHAMORRO, 2008, p.262)

De acordo com Prous (2007, p.78), em sua história, a indústria lítica tupi-guarani não teria sido muito sofisticada, porém os “vestígios lascados são em geral mais numerosos do que a bibliografia deixa supor” (Idem, p.79). Entre estes vestígios, são descritos os tembetás, quanto ao seu material e formato, como segue:

Instrumentos de alto valor simbólico eram os tembetá, adornos inseridos na boca, atravessando o lábio inferior ou as bochechas. Sabemos que, historicamente, esse adorno, feito de cristal de rocha transparente ou de pedras verdes (amazonita), era reservado aos varões. Os mais característicos apresentam uma forma em “T”, cuja “barra” transversal curta era inserida na boca, enquanto o cilindro que corresponde à haste do “T” se projetava para o exterior. (PROUS, 2003, p.78)

Já Schmitz (2006, p.41) esclarece que “artefatos de pedra são extremamente raros” e que:

Nas aldeias antigas são bastante freqüentes tembetás de quartzo polido, em forma de T, que os homens usariam numa perfuração do lábio inferior como símbolo de sua virilidade. Geralmente vêm acompanhados de pequenos fragmentos de arenito com desgaste em forma de canaletas, ligadas à produção dos tembetás. (SCHMITZ, 2006, p.41)

Percebe-se que a descrição do formato e do material do tembetá converge, nestas duas descrições, para a caracterização de um adorno no formato da letra “T”, podendo ser feito em rocha translúcida ou quartzo.

Artefatos indígenas e tembetás na década de 1930

Em 1923, Francisco Rodolfo Simch apresenta e publica uma comunicação intitulada “Artefactos Indígenas” aos colegas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Nesta ocasião, destaca: “a etnologia como fator de estudo entre nós tem tentado muito poucos” (SIMCH, 1923, p.305), demonstrando que o assunto não era comum no meio científico de sua época, com poucos estudiosos na área. Nesse sentido, salienta não ser etnólogo, mas que gostaria de contribuir com sua boa vontade para o exame dos vestígios deixados pelas populações nativas no estado do Rio Grande do Sul (Idem, p.306).

Em seguida, Simch procede à descrição dos artefatos indígenas que vinham sendo encontrados em diversas partes do estado, com base nos seguintes critérios:

1. Forma, dimensões e material;
2. Fabricação e suas fases;
3. Lugares em que se encontram os artefatos;
4. Modo de fixação;
5. Emprego e uso. (SIMCH, 1923, p.306)

Ao longo de todo o artigo, a descrição de Francisco Rodolfo Simch dos artefatos indígenas corresponde aos tembetás mencionados precedentemente. O autor traz, inclusive, um desenho por ele próprio traçado, que corresponde aos tembetás tais como descritos pela historiografia atual.

Entretanto, até este artigo de 1923, o autor estabelece apenas hipóteses sobre seu uso, desconhecendo que estes artefatos indígenas fossem tembetás. No ano seguinte, entretanto, Francisco Rodolfo Simch retoma o estudo destes artefatos indígenas e escreve o artigo intitulado “Tembetás”, prosseguindo a discussão sobre o assunto. Percebe-se, assim, que, entre 1923 e 1924, Simch continuou a buscar respostas para suas indagações sobre os artefatos indígenas, e chegou um pouco mais perto destas respostas no ano seguinte.

Logo, em 1924, Francisco Rodolfo Simch apresenta como objetivo de seu artigo a introdução ao estudo de alguns artefatos indígenas expostos no Museu Júlio de Castilhos, no qual era Diretor, lamentando a falta de pessoal interessado em seu estudo e enfatizando não considerar seu conhecimento suficiente para proporcionar a pesquisa que tais objetos mereciam. Ressalta a escassa literatura sobre o assunto, com exceção da “monografia de nosso eminente Ladislau Netto, do Museu Nacional; tudo mais são notas soltas, esparsas, difíceis de enfeixar em uma seriação lógica” (SIMCH, 1924, p.51).

No entanto, não se coloca totalmente de acordo com a definição ampla, proposta por Ladislau Netto, de que “o tembetá é um adorno labial de pedra usado pelos indígenas brasileiros” (Idem, Ibidem), porque acreditou ser necessário precisar as classes em que se subdividiriam os tembetás. Para isso, considerou que haveria “causas determinantes” para a

existência de diferentes adornos (Idem, p.52). Ainda assim, não chegou a propor uma outra classificação que julgasse mais adequada.

Para Simch, a preocupação foi em categorizar os tembetás em sua especificidade, dentro da categoria maior de “pedras ou outras quaisquer substâncias talhadas para serem usadas nos furos feitos nos lábios” (Idem, p.56). Segundo o autor, “o uso deste adorno é mais ou menos generalizado pelos continentes todos, mais intensos em uns lugares, menos intensos em outros” (Idem, Ibidem). Para trazer a diferenciação de formato, aborda o contexto brasileiro, mencionando os “Aymorés ou botocudos propriamente ditos (a não confundirem com os botocudos de S. Catharina)” (Idem, Ibidem). Percebe-se a menção, também aqui, do termo “botocudo”, para mais de uma origem étnica de população indígena, sendo que estes últimos, referentes a Santa Catarina, se relacionam com o exemplo citado na seção anterior, baseada em pesquisa realizada sobre os Xokleng naquele estado (SANTOS, 1973, p. 30 e 31 In: FERMINO, 2013, p.2).

O autor ressalta que, com exceção dos Aymorés, havia, em sua época, poucas informações que relacionassem os tipos de tembetás com determinadas populações indígenas, e que este conhecimento seria necessário para compreender e classificar os tembetás (Idem, p.59). Francisco Rodolfo Simch expõe ainda, em seu artigo, que chega a “equiparar *causalmente* os botoques e os tembetás, não havendo nisso novidade alguma por já o terem feito todos os autores que deles se ocuparam” (SIMCH, 1924, p.57). Isto significa que, para o autor, botoques e tembetás não têm uma “causa determinante” comum, mas sim uma causa que pode ser “equiparada” a outra causa, na falta de uma compreensão melhor do tema. Reforça este posicionamento, no fato de “não aceitar como tembetás todos os adornos coletivos reunidos sob esta denominação” (Idem, Ibidem). Na verdade, Simch não acreditava que os tembetás em formato de “T” pudessem ser utilizados nos lábios, razão pela qual estes seriam uma outra categoria diferente das demais, possivelmente para a fossa nasal (Idem, p.59).

Estas observações demonstram a insatisfação de Simch com a falta de acesso a estudos na área da antropologia, naquela época, que trouxessem informações detalhadas que permitissem esclarecer o uso dos tembetás. O autor constatava que muito havia a se fazer, nesta área da pesquisa, e esta ausência de dados sobre a significação dos tembetás para as diferentes populações indígenas parecia constituir um obstáculo para uma categorização satisfatória destes adornos, cientificamente.

Sobre os achados arqueológicos até então conhecidos, o autor explica que os tembetás encontrados no estado estariam em áreas mais profundas do solo da área entre o Rio Taquari e Rio Pardo e apresentariam graus variados de acabamento, desde a pedra praticamente bruta até “o adorno terminado com a máxima perfeição”, sendo o material mais comum o “quartzo hyalino” (Idem, p.58-59). Aponta, ainda, que os jesuítas teriam informações mais

completas sobre a vida e os costumes dos indígenas, porém, até onde sabia, não disporiam de nenhuma precisão sobre este assunto dos tembetás, em particular (Idem, p.59).

Por fim, a forma como Simch (1924) expõe os tembetás demonstra que este realmente não dispunha de um conhecimento sobre a sua circunstância e local de utilização, apontada na seção anterior por todos os autores referidos: a inserção no lábio inferior na situação específica de rituais de iniciação voltados aos membros do sexo masculino de diversas populações indígenas.

Diante disso, o presente estudo traz, na verdade, novas dúvidas. Haveria, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, conhecimento sobre a forma como os tembetás eram utilizados, porém a circulação desta informação não seria acessível para toda a sociedade científica? Ou seria esta informação conhecida somente pela comunidade científica da área de arqueologia e antropologia, informação esta que seria desconhecida por Simch por não serem estas suas áreas de atuação profissional, como ele mesmo admitiu?

Ao estudar este texto de Simch (1924), tem-se a impressão de que, em sua época, a arqueologia e a antropologia estariam pouco desenvolvidas, pelo menos no Brasil, sendo, muitas vezes, esta tarefa destinada a profissionais de outras áreas. Muito menos estudados, ainda, seriam os tembetás, naquele período. A literatura atual, no entanto, traz informações detalhadas sobre os tembetás, como visto na seção precedente.

No artigo aqui trazido, Simch afirma tentar trazer esclarecimentos sobre os tembetás, embora se sinta pouco preparado para discorrer sobre o assunto, porém o fez após solicitação insistente do presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (SIMCH, 1924, p.51). Na verdade, o exemplo trazido enseja novos estudos que possam responder detalhadamente às novas questões aqui levantadas.

Conclusão

Os tembetás vêm sendo encontrados, pelo menos no Rio Grande do Sul, há vários séculos, e o interesse em estudá-lo parece ser crescente, chegando, atualmente, a uma literatura variada que dá conta de contextualizar sua utilização por diversas populações indígenas. A produção científica atual descreve os tembetás em sua variedade de formas e materiais e em sua localização no espaço geográfico do estado.

É interessante observar que em uma das obras atuais selecionadas, Chamorro (2008) menciona os tembetás como adornos utilizados em rituais, ainda nos dias de hoje. Diante disso, e, ao constatar o desconhecimento do contexto de utilização dos tembetás no artigo de Simch (1924), este artigo interroga-se sobre a forma como a pesquisa científica sobre os

indígenas era realizada, no passado.

Ora, se, ainda hoje, os tembetás são utilizados, por que seu uso não foi observado nas populações indígenas que viviam no Rio Grande do Sul, da década de 1920? Este artigo conduz a uma nova interrogação, portanto, sobre a efetiva circulação da prática da antropologia e da prática dos cientistas da observação das populações indígenas, naquele período.

No entanto, depois de analisar brevemente a historiografia sobre os tembetás e as comunicações sobre este assunto, realizadas por Simch, pode-se, ainda, buscar contextualizar brevemente o estado do estudo da antropologia dos indígenas:

A Antropologia começa a se consolidar academicamente no início da segunda metade do século XIX, quando são realizados os estudos pioneiros que se estabelecem como referenciais clássicos da disciplina. Para Pacheco de Oliveira (2004), os estudos pioneiros, emoldurados no cenário colonial do encontro entre o antropólogo e o nativo, eram marcados pela visão unilateral: o “de fora”, que percebe e objetiva o “outro”, classificando e enquadrando o nativo na lógica ocidental eurocêntrica de produção de conhecimento (FERNANDES, 2015, p.331)

Portanto Simch, na década de 1920, inseria-se em um período em que a antropologia ainda era uma ciência cujos fundamentos estavam em fase de consolidação. Além disso, tratava-se de uma época em que o pesquisador ainda não se colocava como um observador em meio aos nativos. Ao contrário, o cientista observava o nativo a partir de um grupo social distinto do grupo dos indígenas. Mais do que isso, o observador realizava esta análise partindo de seu referencial cultural eurocêntrico, estabelecendo relações e conclusões a partir deste referencial.

Considerando este processo de consolidação da antropologia, pode-se considerar que a forma como Simch observou os artefatos indígenas e, mais particularmente, os tembetás, era própria das características da ciência de sua época, como parte de uma lógica eurocêntrica.

Além disso, no início do século XX, ganhou ênfase o conceito de “aculturação” como “uma aculturação mecânica que afetava somente aos povos sem história, de maneira que o contato com a civilização só significava a mudança do outro, do conquistado ou avassalado, ou o sem história” (BECHIS, 2010, p.283). Este posicionamento altera-se somente a partir da década de 1930, com o entendimento de que “tanto eu como os outros são emergentes simultâneos em um processo de interação, tanto entre unidades individuais como em unidades coletivas” (Idem, p.283-284).

Como os artigos de Francisco Rodolfo Simch em questão foram publicados no início da década de 1920, compreende-se que o contexto científico em que este estava inserido estava ainda distante do entendimento do processo de interação entre os indígenas e os não indígenas. Por este prisma, as comunicações de Simch são um reflexo de seu tempo.

Levando-se em conta que Simch faleceu em 1937, não é possível verificar nenhuma publicação posterior sobre os tembetás que pudesse evidenciar alguma modificação em sua postura científica sobre a antropologia dos indígenas.

Com base na literatura atual, entretanto, conclui-se que os tembetás podem ser utilizados por populações indígenas diferentes, e apresentar materiais e formatos diversos. No entanto, algumas características permanecem em comum para os variados tembetás.

A primeira característica em comum é a utilização do tembetá como adorno. Em seguida, observa-se que os tembetás são enfeites destinados exclusivamente aos membros do sexo masculino de um grupo indígena. Por fim, a terceira característica em comum encontrada é a circunstância em que são introduzidos os tembetás, que é a situação de um ritual de iniciação para os jovens.

Referências

- BECHIS, Martha A. Piezas de etnohistoria y de antropologia histórica. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropologia, 2010.
- CHAMORRO, Graciela. Terra madura, yvy araguayje: fundamento da palavra guarani. Dourados: Editora da UFGD, 2008.
- FERMINO, Antonio Luis. Histórias, conflitos e contatos entre os Laklãnõ/Xokleng e não indígenas. XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, 2013.
- FERNANDES, Rosani de Fátima. Povos indígenas e antropologia: novos paradigmas e demandas políticas. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 322-354, jan./jun. 2015.
- PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SCHMITZ, Pe. Pedro Ignácio. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, 2006.
- SIMCH, Francisco Rodolfo. Artefactos indígenas. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico. I e II Trimestre. Anno III. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1923, p.305-314.
- SIMCH, Francisco Rodolfo. Tembetás. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico. I e II trimestre. Anno IV. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1924, p.51-60.